

Sintagmas nominais plenos: a marca de transitividade na língua Shanenawa (Família Pano)

Complete noun phrases. The mark of transitivity in the Shanenawa language (Panoan Family)

*Gláucia Vieira Cândido**, *Lincoln Almir Amarante Ribeiro***

**Universidade Federal de Goiás, **Universidade Federal de Minas Gerais [In memoriam]*

Resumo: Este artigo descreve a forma como uma língua indígena brasileira, da família Pano, marca na estrutura superficial da oração a distinção entre o nome que desempenha a função de sujeito do verbo transitivo e intransitivo e a função de objeto direto. A descrição toma como base a comparação da língua Shanenawa com outras línguas da mesma família, adicionalmente recorre-se ao apoio de regras que tratam do tema dentro de uma teoria relacionada à forma gramatical do Proto-Pano.

Palavras-chave: Linguística. Tipologia Linguística. Línguas Brasileiras. Língua Shanenawa. Gramática.

Abstract: In this article we describe how the marks of surface structure clauses in a Brazilian indigenous language of the Pano family distinguish the noun as the subject of a transitive and intransitive verb and as a direct object. This description is based on a comparison among the Shanenawa language and other languages of the same family with the support of the grammatical forms of Proto-Pano.

Keywords: Linguistics. Linguistic Typology. Brazilian Native Languages. Shanenawa Language. Grammar.

Introdução

Segundo a literatura, as línguas naturais costumam marcar na estrutura superficial as diferentes funções que os sintagmas nominais exercem na estrutura profunda. Também é sabido que vários são os modos de marcar essas funções, dentre os quais podemos citar a ordem seqüencial dos constituintes na sentença; o uso de afixos preposicionais ou posposicionais, de conjuntos de desinências, de traços supra-segmentais ou mesmo uma combinação de todos esses modos.

Neste artigo, apresentaremos um breve estudo sobre a maneira como uma língua indígena falada no Brasil, o Shanenawa (da família Pano), marca, na estrutura superficial, os argumentos nucleares, ou seja, o sujeito de verbo intransitivo, o sujeito de verbo transitivo e o objeto de verbo transitivo, respectivamente, S, A e P, na terminologia proposta por Dixon (1994) e Comrie (1978, p. 329) para as funções sintático-semânticas dos sintagmas nominais plenos na sentença.¹

Assim, à maneira como procederam Loos (1973, p. 227) e Shell (1965), procuraremos dar ênfase à relação genética existente entre o Shanenawa e outras línguas da mesma família para sustentar nossa descrição, bem como levar em conta as regras que tratam do assunto em questão a partir de uma teoria sobre a forma gramatical do Proto-Pano.

1 Shanenawa: a língua e o povo

A língua Shanenawa pertence à Família Pano e é falada por cerca de 400 pessoas distribuídas em quatro aldeias (Paredão, Cardoso, Nova Vida e Morada Nova), situadas na região norte central do Estado do Acre, à margem esquerda do rio Envira, no Município de Feijó, no Estado do Acre, na Amazônia Brasileira.

A exemplo da maioria das línguas ameríndias, o Shanenawa corre sério risco de extinção. Aparentemente, toda a etnia é bilíngüe em Shanenawa e Português, o que não deveria ser considerado um problema. Contudo, embora todos ainda entendam a língua indígena, preferem usar o idioma oficial brasileiro. Isso se dá, especialmente, entre as crianças. Ademais, os jovens da comunidade estão migrando para os centros urbanos para completar os estudos. Eles crêem que as escolas da sociedade não-indígena oferecem melhores possibilidades de trabalho remunerado e

¹ Trabalhos recentes e semelhantes a este, ou seja, que tratam da ergatividade em línguas da família Pano, mas utilizando abordagens teóricas distintas, feitos por outros pesquisadores são, dentre outros: Camargo (2005) para o Kaxinawá, Fleck (2005) para o Matsés e Valenzuela (2000) para o Shipibo. Ademais, outros trabalhos importantes sobre ergatividade e transitividade em diferentes línguas amazônicas também podem ser encontrados em Queixalós (2002). No caso específico do Shanenawa, é preciso salientar que, em trabalho realizado por Cândido (2004), já foi feita uma abordagem mais geral sobre os temas de marcas pronominais, valências verbais, formas de predicados e ergatividade cindida. No presente artigo, portanto, nos ocuparemos somente das marcas de transitividade em sintagmas nominais.

mesmo de *status* social. Por isso, cada vez mais a língua de seus antepassados está caindo em desuso. Nesse caso, portanto, o processo de escolarização tem feito com que os Shanenawa passem a ignorar sua língua bem como outros importantes aspectos de sua cultura.

Felizmente, contudo, alguns membros da comunidade demonstram-se fortemente engajados na luta pela manutenção da identidade cultural da etnia, principalmente, no que respeita à revitalização da língua. Nesse sentido, tem havido esforços das lideranças Shanenawa para estimular o ensino da língua materna nas escolas das aldeias com o uso de material didático produzido nessa língua.

2 Os sintagmas nominais na função de argumentos nucleares

Na língua Shanenawa, os sintagmas nominais estão distribuídos em duas classes distintas conforme sua realização morfofonológica na estrutura de superfície. Em uma dessas classes estão incluídos os sintagmas nominais cujas formas possuem uma realização fonológica mais extensa que, na literatura, são conhecidas como “formas longas” (cf. Loos 1973, p. 133-184). A outra classe, por sua vez, inclui os sintagmas nominais que possuem formas de extensão fonológica menor e que, por isso, são chamadas “formas curtas”. Os dados em (1), abaixo, dão uma breve amostra da distinção entre formas longas e curtas na língua Shanenawa.

(1)	FORMA LONGA	FORMA CURTA	
a)	tetepã	tete	‘gavião’
b)	takarani	takara	‘galinha’
c)	kamanẽ	kaman	‘cachorro’

Em geral, independente da forma fonológica (longa ou curta) com que se apresentam na língua, os sintagmas nominais são desprovidos de operadores funcionais do tipo flexão de gênero e número e de marcas de determinação ou indeterminação, entre outras. Contudo, em se tratando dos sintagmas nominais que funcionam como argumentos nucleares nas sentenças, algumas particularidades são notadas. Primeiramente, apenas quando os sintagmas nominais exercem a função de sujeito de verbo transitivo, ou seja, de A, sua forma é do tipo longa. Além disso, a referida forma é geralmente marcada pela nasalização da vogal em posição final de palavra ou, ainda, pela afixação de um dentre os diversos alomorfes usados com a mesma finalidade. Nos dados em (2), abaixo, vemos um exemplo em que a forma longa é constituída apenas pela base lexical na qual ocorre a nasalização da vogal final da palavra, o que estamos chamando aqui de nasalização simples por provavelmente resultar da presença de uma consoante nasal sem ponto de articulação

definido na posição de coda silábica final sem ponto de articulação definido e que está sendo representada morfológicamente na estrutura superficial pelo morfema {-n}.

- (2) *jura-n* *nami-φ* *pi-a*
 índio-M/A carne-M/P comer-PAS²
 ‘O índio comeu a carne.’

Já nos exemplos em (3) e (4), a seguir, temos alomorfes marcadores da função de A.

- (3) *kama-nen* *takara -φ* *naka-a*
 cachorro-M/A galinha-M/P morder-PAS
 ‘O cachorro mordeu a galinha.’

- (4) *tete-pan* *sheki-φ* *pi-a*
 gavião-M/A milho-M/P comer-PAS
 ‘A gavião comeu o milho.’

Em contrapartida, na estrutura superficial, os sintagmas nominais que funcionam como sujeito de verbo intransitivo (isto é, S) apresentam-se sempre na sua forma fonológica curta e, em geral, sem a nasalização da vogal em posição final de palavra, como nos exemplos (5-6), a seguir:

- (5) *takara-φ* *n-a*
 galinha-M/S morrer-PAS
 ‘A galinha morreu.’

² Abreviaturas e símbolos usados neste artigo: A ‘sujeito de verbo transitivo’, ABS ‘absolutivo’, C ‘consoante’, COM ‘comitativo’, DECL ‘declarativo’, ERG ‘ergativo’, FUT ‘futuro’, G ‘glide’, GEN ‘genitivo’, INDEF ‘indefinido’, INSTR ‘instrumental’, M ‘marcador’, NOM ‘nominalizador’, N.PAS ‘não-passado’, P ‘paciente’/‘objeto de verbo transitivo’, PAS ‘passado’, POSS ‘possessivo’, REFLEX ‘reflexivo’, R ‘regra’, s ‘singular’, S ‘sujeito’/‘sujeito de verbo intransitivo’, SG ‘singular’, T ‘transformação’, V ‘verbo’/‘vogal’, ã ‘vogal nasalizada’, 1 ‘primeira pessoa’, 3 ‘terceira pessoa’, φ ‘morfema zero’, * ‘proto-forma’, (C) ‘consoante optativa’.

- (6) *fakehu-φ* *itxu-a*
 menino-M/S correr-PAS
 ‘O menino correu.’

Também os sintagmas nominais em função de objeto de verbo transitivo (isto é, P) apresentam-se na forma fonológica curta e, comumente, sem nasalização da vogal final, conforme podemos constatar por meio dos exemplos seguintes:

- (7) *jura-n* *takara-φ* *pi-a*
 índio-M/A galinha-M/P comer-PAS
 ‘O índio comeu a galinha.’

- (8) *fakehu-n* *runu-φ* *rete-i*
 menino-M/A cobra-M/P matar-N.PAS
 ‘O menino mata cobra.’

Nesses termos, a morfologia dos sintagmas nominais na função de argumentos nucleares indica que a organização das relações sintático-semânticas da língua Shanenawa é feita dentro de um forte padrão de marcação de caso do tipo ergativo-absolutivo, em que A é diferente de S que, por sua vez, é igual a P. Ou seja, A apresenta-se no caso ergativo, enquanto S e P apresentam-se no caso absolutivo.

Essa é, aliás, uma característica de línguas da Família Pano. No Chacobo, por exemplo, uma língua falada na Bolívia, segundo Zingg (1998), Prost (1962) e Loos (1999, p. 230), o sintagma nominal em função de A também é marcado de maneira diferente daqueles que funcionam como S e P. Estes últimos, a exemplo do que vimos no Shanenawa, não recebem marcas morfológicas, conforme podemos constatar nos dados da língua Chacobo expostos, a seguir:

- (9) *mia* *inaká-φ* *a-ke*
 2SG/ABS cachorro-ERG morder-PAS
 ‘O cachorro mordeu você.’

- (10) *ina-φ* *uxa-ke*
 cachorro-ABS dormir-PAS
 ‘O cachorro dormiu.’

- (11) *kamanó* *ina-φ* *pi-ke*
 onça/ERG cachorro-ABS comer-PAS
 ‘A onça comeu o cachorro.’

Entretanto, as semelhanças entre o Shanenawa e o Chacobo em termos da forma dos sintagmas nominais nas funções nucleares restringem-se a essa generalização da marcação diferenciada de A em relação a S e P. Afinal, formalmente, como já nos mostraram alguns exemplos, a marca de sujeito de A no Chacobo não é um morfema nasal ou a nasalização da vogal final, mas sim um acento na última sílaba da palavra, o qual também figura na forma fonológica longa.³ Em Shanenawa, além do já mostrado, há algumas características morfofonológicas dos sintagmas nominais, sobre as quais trataremos na seqüência.

3 Características morfofonológicas dos sintagmas nominais na função de argumentos nucleares

Consideremos inicialmente os argumentos nucleares do tipo A, ou seja, aqueles que são representados na língua Shanenawa por uma forma fonológica longa. De acordo com nossa análise, tal forma é sempre constituída de sua realização curta em uma fusão com um sufixo marcador de sujeito que possui diversos alomorfes tornando-a longa. Conforme mostramos na seção anterior, o sujeito em função de A é marcado geralmente pela nasalização da vogal que figura em final de palavra (que provavelmente é resultante da proximidade com uma consoante nasal que figura na estrutura profunda da palavra na posição de coda silábica), ou, ainda, por diversos outros alomorfes.

Seguindo uma outra generalização de aspectos das línguas Pano, no Shanenawa, as consoantes nasais em posição de coda silábica em final de palavra não costumam serem realizadas plenamente na estrutura superficial. Assim, a existência de tais nasais apenas é atestada pelo processo de nasalização regressiva das vogais ou semivogais precedentes. Trata-se, portanto, apenas de um resquício da marca de ergatividade que supostamente esteve presente no Proto-Pano. É preciso ressaltar, ainda, que em algumas línguas da família Pano, como por exemplo o Chacobo, a nasalização foi substituída por um acento principal na última sílaba (cf. exemplos (9-11)).

Voltando aos sintagmas nominais em Shanenawa, é interessante observar que nessa língua as formas de citação fornecidas pelos falantes da língua são sempre

³ Por questões de espaço, nos limitamos aqui a comparar a língua Shanenawa apenas com o Chácobo. Todavia, exemplos desse tipo de dados em outras línguas da família Pano também podem ser obtidos em consultas aos trabalhos referidos na nota número 1 do presente artigo.

as longas, estando o emprego das versões curtas condicionado à obediência a algumas regras morfofonológicas⁴, dentre as quais destacamos as seguintes:

a) quando o sintagma nominal é constituído por uma estrutura que se restringe a duas sílabas abertas do tipo CVC \tilde{v} , em que a vogal final é nasalizada, a forma curta (seja ela em função de S ou P) é obtida simplesmente pela desnasalização da vogal final e a introdução de um consoante oclusiva glotal para travar a sílaba, o que é característico da língua Shanenawa, tal como vemos nos dados seguintes:

(12)	FORMA LONGA	FORMA CURTA	
a)	runũ CVC \tilde{v}	runu CVCvC	‘cobra’
b)	jurã CVC \tilde{v}	jura CVCvC	‘índio’

b) Quando o sintagma nominal é constituído por uma estrutura que comporta três sílabas abertas do tipo (C)VCVC \tilde{v} , também com a última vogal nasalizada, para obter-se a forma curta é necessária que ocorra a perda da sílaba final da forma longa. Contudo, a nasalização que figurava na última vogal dessa sílaba permanece como um resquício atuando então sobre a última vogal da forma curta. Ademais, essa regra apenas se processará se a consoante que precede imediatamente a última sílaba também for uma nasal, como nos dados em (13.a), a seguir, pois caso contrário, tem-se apenas a queda da última sílaba e com ela também a nasalização da vogal final da forma longa, como nos dados em (13.b):

(13)	FORMA LONGA	FORMA CURTA	
a)	amanẽ VCVC \tilde{v}	amã VC \tilde{v}	‘capivara’
b)	tetepã CVCVC \tilde{v}	tete CVCV	‘gavião’

⁴ Para um tratamento mais aprofundado desse tema, especialmente no âmbito da fonologia auto-segmental, sobretudo sobre o papel da marca {-n}, consultar Cândido (2004).

c) Quando na forma longa o sintagma nominal possui uma estrutura polissilábica do tipo CVCVCVC \tilde{v} , para obter-se a forma curta, a forma longa perde a vogal e a consoante em posição final, excetuando o caso em que a consoante não for a fricativa alveolar /s/, a pós-alveolar /ʃ/, a retroflexa /ʂ/ ou, ainda, a glotal /h/. Nesses casos, o sintagma nominal polissilábico segue a regra anterior, como vemos nos exemplos seguintes:

(14)	FORMA LONGA	FORMA CURTA	
a)	takaranẽ	takara	‘galinha’
	CVCVCVC \tilde{v}	CVCVCVC	
b)	shanẽjhu	shanẽjhu	‘chefe’
	CVCVGC \tilde{v}	CVCVGCV	
c)	jawixinĩ	jawixi	‘tatu’
	GVGVCVC \tilde{v}	GVGVCVC	

4 A marca de ergatividade numa perspectiva diacrônica

Como já dissemos anteriormente, geralmente as línguas Pano marcam o sujeito ergativo por meio de uma consoante nasal na estrutura profunda que, na estrutura de superfície, tende a desaparecer deixando, porém, vestígios na vogal precedente. Pelo menos na língua Shanenawa, é possível obtermos uma explicação diacrônica para esse comportamento.

Para tanto, consideremos a seguinte situação: no Proto-Pano, a forma trissilábica dos sintagmas nominais em sua forma longa é *CVCVCV; no Shanenawa, através de uma evolução diacrônica, essa forma passa à CVCVCV₁, em que V₁ pode ser diferente de V. Quando o sintagma nominal com três sílabas está em função de A, recebe a marca de transitividade realizando-se então como CVCVCV₁-n na estrutura profunda. Aplicando-se as transformações obtidas por meio das regras morfofonológicas mencionadas na seção anterior, o sintagma nominal passa a ter, na estrutura superficial, a forma CVCVC \tilde{v} em que a última vogal ocorre nasalizada.

A propósito, sobre a constatação de que nas línguas Pano a marca de ergatividade é a nasalidade, vale mencionar o caso do Kaxarari em que, diferentemente da maioria das línguas da família, A é marcado por um morfema representado pela aproximante lateral alveolar {-l} (cf. SOUSA, 2004). Contudo, ao

nosso ver, essa ocorrência restringe-se à estrutura superficial da língua, já que na estrutura profunda a marca de A deve ser mesmo, como nas demais línguas Pano, uma consoante nasal não especificada para ponto que, após a aplicação de alguma regra morfofonológica da língua, acaba transformando-se na estrutura de superfície na aproximante lateral.

Retomando a discussão sobre as formas dos sintagmas nominais em função de P e também as formas de citação (longas) no Shanenawa, segundo nossa análise, tais formas seguem as mesmas regras morfofonológicas já apresentadas aqui. Assim, teríamos no Proto-Pano, por exemplo, a palavra **kamano* ‘cachorro’ que em Shanenawa tem como forma longa fonológica *kamana* (e *kamane-n* para A) na estrutura profunda. Contudo, usando-se as regras morfofonológicas, teremos *kamanin* na forma ergativa e *kaman* na forma absoluta.

5 A nasalização em outros contextos morfossintáticos da língua shanenawa

Na língua Shanenawa, o morfema {-n} ou os demais diversos alomorfes marcadores de ergatividade também são usados para indicar os sintagmas nominais em funções sintáticas de argumentos periféricos. Especificamente, a nasalidade também indica na estrutura superficial as categorias instrumental e posse, conforme podemos ver nos exemplos seguintes:

- | | | | |
|------|------------------|------------------------|-----------------|
| (15) | <i>Assis-nin</i> | <i>fesha-ti-nin</i> | <i>jumain-φ</i> |
| | Assis-ERG | cortar-NOM-INSTR(faca) | onça-ABS |

rete-a-ki

matar-PAS-DECL

‘Assis matou a onça com a faca.’

- | | | | |
|------|------------------|----------------|---------------|
| (16) | <i>kaman-nen</i> | <i>sheta-n</i> | <i>nami-φ</i> |
| | cachorro-ERG | dente-INSTR | carne-ABS |

kikusha-a-

cortar-PAS-DECL

‘O cachorro cortou a carne com os dentes.’

- (17) *Fran-nan* *mapu*
 Fran-GEN(POSS) cabeça
 ‘A cabeça do Fran.’

- (18) *fakahu-n* *peşe*
 menino-GEN(POSS) casa
 ‘A casa do menino.’

Em geral, as diferenças nas formas básicas (isto é, as que ocorrem na estrutura profunda) dos argumentos periféricos se devem à função sintática exercida por cada argumento na sentença. No Shanenawa, isso pode ser observado com maior nitidez na marcação do possessivo, pois quando o sintagma nominal referente ao possuidor está na função de predicativo do sujeito, como em (19) abaixo, é marcado pelo sufixo {-na}, mas, se funciona como adjunto restritivo do sujeito, como em (20), então tal sintagma nominal figura na forma curta com a vogal final nasalizada, conforme podemos constatar nos respectivos exemplos:

- (19) *peshe* *sharakapa* *ewe* *epa-na*
 casa bonita 1SG(POSS) pai-POSS
 ‘A casa bonita é de meu pai.’

- (20) *peshe* *ewe* *epan* *sharakapa*
 casa(POSSUÍDO) 1SG(POSS) pai (POSS) bonita
 ‘A casa do meu pai é bonita.’

6 O reflexivo: uma exceção

Em grande parte das línguas Pano, na estrutura superficial, o reflexivo é o resultado de uma regra transformacional que suprime um sintagma nominal na função de P sob condições de identidade referencial com o sujeito e coloca um marcador sufixal do reflexivo no verbo. Contudo, na língua Shanenawa não existe uma marca de reflexividade no verbo e o nome em função de P é mantido com o acréscimo do sufixo {-fe}, como no exemplo seguinte:

- (21) *anihu a-fe* *kene-a*
 velho 3SG-REFLEX pintar-PAS
 ‘O velho se pintou.’

De acordo com Loos (1973, p. 135), as regras transformacionais para a realização de sentenças com reflexivos nas línguas estudadas por esse pesquisador são: Regra 1 - marcar o reflexivo; Regra 2 - permutar o sujeito para posição pós-verbal; Regra 3 - marcar o sujeito transitivo; Regra 4 - permutar o sujeito por ênfase; Regra 5 - aplicar as regras fonológicas do Proto-Pano.

De acordo com nossa análise, as regras de transformação ordenadas que explicam a estrutura superficial para o Shanenawa são: Regra 1 - permutar o sujeito para a posição pós-verbal (opcional); Regra 2 - marcar o sujeito de verbo transitivo; Regra 3 - permutar o sujeito para a posição final por ênfase; Regra 4 - aplicar as regras morfofonológicas específicas expostas acima. Cumpre ressaltar que o método de Loos foi usado nesse trabalho para fins comparativos. Para um outro tratamento da reflexividade em línguas Pano e, em particular no Shanenawa, consultar Cândido e Amarante Ribeiro (2007).

7 A ergatividade e a ordem dos constituintes

Em Shanenawa, a ordem das palavras na sentença demonstra certa flexibilidade na estrutura superficial. Todavia, preferencialmente, a língua adota a ordem SOV, mas com algumas ocorrências de OSV e SVO, como nos seguintes exemplos:

- (22) *sheki-φ* *takaranen* *pi-a*
 milho-ABS galinha-ERG comer-PAS-DECL
 ‘A galinha comeu o milho.’
- (23) *fakehu-n* *pi-a* *nami-φ*
 menino-ERG comer-PAS carne-ABS
 ‘O menino comeu carne.’

Nos casos de sentenças com verbo transitivo, mesmo havendo a troca de posição na ordem dos constituintes, o sintagma nominal em função de A mantém a forma marcada. Nesse sentido, presumimos que a mudança de posição de S, A ou P em relação ao verbo tem como finalidade uma espécie de ênfase ou topicalização.

Em termos comparativos, na maioria das línguas Pano a sequência normal (mais comum) dos constituintes na sentença é aquela descrita no Shanenawa, ou seja, com o verbo sendo colocado em posição final na sentença. Todavia, em condições de ênfase, também se permite a permutação da posição do sujeito. Somente no Chácobo essa disposição parece ser menos flexível, já que, nessa língua, o deslocamento do sujeito para a posição pós-verbal é obrigatório se o verbo apresentar aspecto não completo e, no caso, embora o verbo possa ser transitivo, o sujeito se realiza na forma curta.

Conclusão

Neste artigo, procuramos descrever o modo como a língua Shanenawa da Família Pano costuma marcar na estrutura superficial a distinção morfológica entre os sintagmas nominais na função de sujeito de verbo transitivo (A), de intransitivo (S) e, ainda, de objeto de verbo transitivo (P).

Assim, vimos que, nessa língua, A é marcado distintamente de S e P, o que nos leva a concluir que o Shanenawa possui um sistema de marcação de caso morfológico do tipo ergativo-absolutivo. Enquanto o caso ergativo é marcado pela nasalização da vogal final e pelo uso de formas fonológicas mais longas para os sintagmas nominais, o absolutivo é marcado pelo encurtamento das chamadas formas longas ou, de forma mais recorrente, pela perda da nasalização.

A descrição feita teve por base a comparação do Shanenawa com outras línguas da mesma família e a aplicação de regras que tratam do assunto em uma teoria sobre a forma gramatical do Proto-Pano. Os resultados mostraram que as regras transformacionais para a transitividade são as mesmas do Proto-Pano com exceção da reflexividade que é marcada no Shanenawa no objeto do referente e nas regras morfofonológicas que são muito semelhantes àquelas da língua Sharanahua, como mostrado em Loos (1973, p. 139), que coloca o Shanenawa no grupo do Sharanawa como previsto por meios puramente lexicais (AMARANTE RIBEIRO, 2007).

Referências

AMARANTE RIBEIRO, Lincoln Almir. Uma proposta de classificação interna das línguas da família Pano. *Investigações: Linguística e Teoria Literária*, v. 19, n. 2, p. 157-182, 2007.

CAMARGO, Eliane. Manifestações da ergatividade em Caxinauá (Pano). *Liames: Línguas Indígenas Americanas*, v. 5, p. 55-88, 2005

CÂNDIDO, Gláucia Vieira. *Descrição morfossintática da língua Shanenawa (Pano)*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CÂNDIDO, Gláucia Vieira; AMARANTE RIBEIRO, Lincoln Almir. Reflexividade em línguas da família Pano. *Estudos Linguísticos: Revista do GEL (Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo)*, 1, p. 241-248, 2007.

COMRIE, Bernard. Ergativity. In: LEHMAN, Winfred Philip (Ed.). *Syntactic typology: studies in the phenomenology of languages*. Austin: University of Texas Press, 1978. p. 329-394.

DIXON, Robert Malcom Ward. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FLECK, David William. Ergatividade em Matsés. *Liames: Línguas Indígenas Americanas*, v. 5, p. 89-112, 2005.

LOOS, Eugene. La señal de transitividad del substantivo em los idiomas Pano. In: LOOS, Eugene (Ed.). *Estudios Pano I*, Série Linguística Peruana 10. Yarinacocha, Instituto Lingüístico de Verano, 1973. p. 133-184.

LOOS, Eugene. Pano. In: DIXON, Robert Malcom Ward; AIKHENVALD, Alexandra (Ed.) *The amazonian languages*. Londres: Cambridge University Press, 1999. p. 227-250.

PROST, Gilbert. Signaling of transitive and intransitive in Chacobo (Pano). *International Journal of American Linguistics*, v. 28, p. 108-118, 1962.

QUEIXALÓS, Francisco. Ergatividade na Amazônia. Brasília: Editora da UnB, 2002.
SHELL, Olive. *Estudios Panos III: las lenguas Pano y su reconstrucción*. Série Linguística Peruana, 12. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 1965.

SOUSA, Gladys Cavalcante. *Aspectos da fonologia da língua Kaxarari*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2004.

VALENZUELA, Pilar Maritza. *Transitivity in Shipibo-Konibo grammar*. PhD Dissertation, Oregon, University of Oregon. 2000.

ZINGG, Philipp. *Diccionario Chácobo Castellano*. La Paz: VAIPO, 1998.

Recebido em 22 de fevereiro 2012.

Aceito em 15 de março de 2012.

GLÁUCIA VIEIRA CÂNDIDO

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Adjunto da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linguagem e Tecnologias, da Universidade Estadual de Goiás (MIELT/UEG). Líder do Grupo de Investigação Científica de Línguas Indígenas (GICLI). E-mail: glaucia.v@uol.com.br.

LINCOLN ALMIR AMARANTE RIBEIRO (IN MEMORIAM)

Doutor em Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor aposentado da UFMG desde 1994. Fundador do Grupo de Investigação Científica de Línguas Indígenas (GICLI) da UEG onde atuou como pesquisador até 2008, ano em que teve sua carreira e vida interrompidas por uma grave enfermidade. A co-autoria deste artigo foi um dos seus últimos trabalhos.